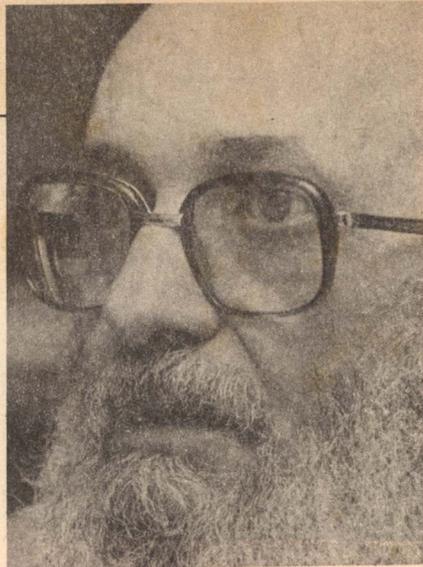


**ENTREVISTA
PAULO FREIRE**



A LIBERDADE EM AULA

É muito mais cômodo para um educador ser autoritário em classe porque a prepotência não exige competência, nem respeito e dispensa explicações

ENTREVISTA A JOSÉ MARIA DOS SANTOS
FOTOS: JORGE MEDITSCH

Quando não está dando suas aulas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo ou na Unicamp, em Campinas, invariavelmente ele pode ser encontrado no seu apartamento, que fica no topo de um edifício de 16 andares no bairro das Perdizes, na capital paulista. Ali, debruçado sobre uma mesa na sala, ele passa suas manhãs estudando ou escrevendo.

Às 7 da manhã já está no trabalho. Na verdade, aos 64 anos, o pro-

Interação - O senhor defende uma relação radicalmente democrática entre o educador e o educando. O que vem a ser isso exatamente?

Paulo Freire - A pergunta é oportuna porque muitas vezes é comum que eu leia críticas ao meu trabalho referindo-se sobre coisas que jamais afirmei. Neste caso, por exemplo, já li ou ouvi que defendo uma posição democratista no meu trabalho — postura que aliás sempre combati. Dizem que defendo uma posição espontaneísta nas relações educa-

tor Paulo Freire exibe uma invejável vitalidade. Além de uma agenda geralmente lotada de entrevistas e conferências, ele ainda encontra tempo para dar cursos no Exterior. É um assíduo frequentador dos aviões que se dirigem para o Canadá, Estados Unidos ou Europa. Num intervalo entre um compromisso e outro, ele falou à **Interação** sobre um dos seus temas favoritos: o relacionamento democrático entre educador e educando.

dor/educando; que defendo “um deixa como está para ver como fica”. Seria na verdade, uma relação absolutamente afrouxada. Jamais tive esta atitude, pois se a tivesse estaria me situando numa posição licenciada. Proponho uma relação radicalmente democrática na qual, porém, jamais o educador será igual ao educando, uma vez que eles têm diferença. O importante para mim, nesta relação, é haver respeito. Respeito à capacidade criadora e imaginativa do educando. É isso.

Interação - Mas como o senhor situa a autoridade neste processo?

Paulo Freire - O educador, enquanto autoridade indiscutível, não pode propor a liberdade experimentando-se. Se os educandos apresentem uma autoridade licenciada, que enfraquece e desiste de ser; se o educador encontra dificuldades para fixar esta postura de uma maneira sã, a liberdade fracassará.

Por outro lado, a liberdade também não se afirmará diante de uma autoridade toda-poderosa que asfixia. A tese que tenho defendido — escrevendo, realizando e vivendo — é a da tensão permanente entre autoridade e liberdade, de modo que uma não descambe para o autoritarismo e nem a outra para a licenciada.

Interação - Mas o difícil é colocar isto na prática.

Paulo Freire - Bem. Tu sabes que uma das dificuldades que se tem na prática... Veja bem: quando defendo tais teses, não as defendo de forma

angelical, ingênua, idealista. Reconheço os obstáculos que a gente tem.

Interação - *Quais os principais?*

Paulo Freire - Por exemplo: o problema da realidade contextual na qual nos encontramos. Realidade econômica, política e social. É o próprio sistema no qual vivemos. Outro problema é a velha tradição autoritária que tem este país, que origina uma ideologia que corta inclusive as classes sociais e que gera este gosto pelo autoritarismo que nos habita. Inclusive na prática de educadores que se dizem revolucionários. É o mesmo gosto que leva muita gente a dizer que fora do rigor disciplinar não há rigor científico. Veja só: associa-se a falta de seriedade à prática democrática. É o mesmo argumento de homens do regime brasileiro atual, que dizem que o povo não pode ter eleições diretas porque não está preparado para tanto. É a tese de muitos educadores ditos revolucionários, mas que não têm competência para participar-já.

Interação - *Adiam a participação...*

Paulo Freire - Sim, pois acham que em primeiro lugar é necessário formar o educando, inventá-lo à sua imagem e semelhança. Eu pergunto: será que desse modo a gente aprende a participar? Participação, criatividade, direito a perguntar, nada disso se faz, senão fazendo.

Interação - *O que é mais fácil: ser autoritário ou democrata?*

Paulo Freire - Evidentemente que a postura democrática é mais exigente do que a autoritária. Se você é autoritário, não tem necessidade de explicar por que o é. Sua competência, enquanto autoritário, pode ser mínima. Por outro lado, para adotar uma postura democrática, você precisa ter confiança absoluta no educando com quem você trabalha. Você precisa ter real competência para explicar as razões científicas que determinam suas atitudes.

Você precisa ser humilde para estar convencido de que não tem nem nas suas mãos, nem na sua inteligência, o destino do educando. Cabe a



“Este país tem uma velha tradição autoritária que corta, inclusive, as camadas sociais”

ele criar seu futuro, não a você.

Interação - *Viver realmente uma prática democrática?*

Paulo Freire - Você precisa, sobretudo ser coerente consigo próprio. Na medida em que você faz opção participatória, que explicita através do seu discurso, você precisa ser coerente, adotar uma prática que tenha a ver com seu discurso. Uma das coisas terríveis dessa sociedade na qual estamos vivendo, é que prática nada tem a ver com o discurso. Em todos os aspectos. Pegue-se um exemplo simples: o Governo chega à TV e diz que não haverá aumento de gasolina. Pois você pode apostar que o aumento já aconteceu. Há uma falta de respeito. Um educador

que tenha compromisso com as massas populares deve exigir de si uma coerência mínima.

Interação - *Bem. Então a sua proposta para nossa educação...*

Paulo Freire - Um momento. Eu defendo uma postura democrática. Mas para ser coerente com minhas posições, digo que não tenho uma proposta. A proposta para a educação de um país não deve ser de uma pessoa só. Mas de grupo, de equipes — do povo. As massas populares teriam que ser ouvidas para criticá-la. Para ver se nela não há resíduos da ideologia dominante; se o seu discurso não é alienante.

Interação - *Mas digamos que o senhor faria parte da equipe...*

Paulo Freire - Se eu fizesse parte dessa equipe, faria todo possível para encontrar caminhos através dos quais a escola pudesse superar três situações básicas: a contradição entre a teoria e a prática; a contradição entre o trabalho manual e o intelectual; dicotomia de conhecer o conhecimento — o que vale dizer não dicotomizar a pesquisa de docência, por exemplo.

Interação - *Esclareça esses três itens que o senhor defende.*

Paulo Freire - O primeiro deles, de um lado resulta e de outro lado estimula a compreensão falsa em torno da própria constituição do conhecimento. Disso pode decorrer de um lado, privilegiar-se a formação puramente teórica do educando em prejuízo do fazer concreto; de outro, privilegiar-se apenas a prática, que ficaria sem possibilidades de enriquecer-se pela teoria. No primeiro caso, em vez de teoria teríamos intelectualismo; no segundo, em vez de prática, teríamos ativismo.

Interação - *E o trabalho manual e o intelectual?*

Paulo Freire - A separação entre ambos cria uma certa ideologia... Não é natural. Na verdade, todo trabalho intelectual implica numa certa manualidade. E o trabalho manual implica numa certa intelectualidade. Não há como negar, não há como

separar. No fundo, o ser humano é um corpo consciente. Evidentemente que não é fácil superar esta dicotomia na sociedade brasileira da maneira como ela está aí. Espero que um dia a gente supere isso para aproveitar o valor da unidade entre o trabalho manual e intelectual. A dicotomia que existe agora é de ordem social.

Interação - *Passemos agora à dicotomia do conhecimento.*

Paulo Freire - Na realidade, o que se faz no sistema escolar que vivemos é separar o ato de conhecer, o conhecimento do que existe, do ato de se produzir conhecimentos que ainda não existem. Contudo, ambos os atos são dois momentos do ciclo de conhecimento, que não podem ser separados porque se encontram dialeticamente presos um ao outro.

Interação - *No seu entender, qual é a má consequência disso?*

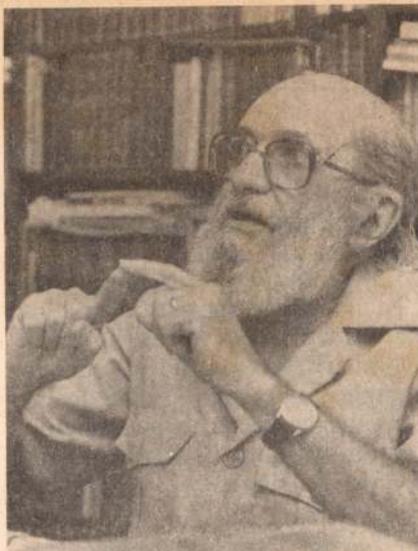
Paulo Freire - Quando há esta dicotomia, a escola torna-se apenas um espaço de transferência do conhecimento existente. E o professor, um mero especialista na tarefa de realizar esta transferência. Ocorre que o conhecimento não é apenas transferência. Conhecimento também se cria. A transferência do conhecimento é um ato de autoritarismo.

Interação - *Mas o senhor está na universidade, dentro do sistema?*

Paulo Freire - Mesmo sem ser reformista, eu percebi que em certos momentos históricos, a reforma é a única coisa viável historicamente; que é a possibilidade de transformação fundamental da sociedade brasileira. Você não deve esperar e nada fazer. Ao ser professor da PUC, da UNICAMP e ao dar cursos por vários países, aceito fazer algo.

Interação - *Mas há algumas idéias do senhor que foram assimiladas pelo chamado sistema.*

Paulo Freire - E por quê não? Toda vez que as classes dominantes podem cooptar a prática que se se opõe a ela, por que não fazê-lo? Isto



"Defendo a participação criadora do educando no processo educativo. Ora, isto pode ser cooptado..."

faz parte da natureza do poder. O poder ao cooptar, procura enfraquecer exatamente o oposto a ele. Há, nas minhas idéias, aspectos que podem ser cooptados.

Interação - *Por exemplo?*

Paulo Freire - Como já disse, defendendo uma postura democrática na relação educador/educando. A presença criadora do educando no processo educativo. Um pedagogo burguês pode cooptar esta informação. Mas sem pretender, na verdade, viver a realidade proposta, ficando apenas em torno da sua periferia.

Interação - *Em todo caso, em 1964, o senhor e sua obra foram estigmatizados, não é?*

Paulo Freire - E isto não é difícil de se compreender. Uma proposta que implicasse na tentativa de desnudamento da realidade não poderia naturalmente ser bem vista pelas classes dominantes. Uma das "tarefas" que as classes dominantes propõem é que sua escola oculte a realidade tal qual ela está se dando. O que eu pretendia, a nível geral, era exatamente o desnudamento da realidade; a leitura crítica do mundo. Não a leitura mecânica das palavras. Hoje não tenho dúvidas de que a direita entendeu melhor meu trabalho do que os críticos que disseram que, se não fosse o irracionalismo anticomunista de 1964, eu não teria tido a repercussão que tive.

Interação - *A educação seria a alavanca das mudanças?*

Paulo Freire - Jamais disse isso. Ela não é alavanca de transformação em sociedade nenhuma. Seria ingênuo crer que as classes dominantes implantassem uma educação inteiramente contra ela. Na História da Humanidade não há exemplo de que as classes dominantes tivessem cometido suicídio. O que ocorre é que as camadas dominadas que se atualizam e lutam no sentido de transformar as estruturas, vivem um processo pedagógico. O movimento das Diretas-Já, é um bom exemplo. Lamentavelmente, os movimentos de oposição desistiram da luta para as transas políticas a nível tradicional.

Interação - *O senhor voltou em 1979 após 15 anos de exílio. Nesse tempo viajou, trabalhou... Como foi esse período?*

Paulo Freire - No momento estive justamente terminando um livro sobre isso, que fiz a quatro mãos com o jovem educador Sérgio Guimarães. Eu ainda estou no Chile. Para mim o exílio foi fundamental. Aprendi muita coisa com o mundo e revendo a mim mesmo. Fui dar aulas em Harvard. Fui ao Canadá. Trabalhei junto ao Conselho Mundial de Igrejas em Genebra. Estive na Ásia, na África. O livro deve sair em fins de agosto. Por mim, continuo pensando e repensando.